



UNIFAP
Universidade Federal do Amapá

EUNICE BEATRIZ SILVA DA SILVA

**POÉTICAS VISUAIS DE LARANJAL DO JARI:
UMA VIAGEM ATRAVÉS DE UMA EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA**

**MACAPÁ-AP
2023**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**

EUNICE BEATRIZ SILVA DA SILVA

**POÉTICAS VISUAIS DE LARANJAL DO JARI:
UMA VIAGEM ATRAVÉS DE UMA EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA**

Memorial final para conclusão do curso
Licenciatura em Artes Visuais pela
Universidade Federal do Amapá, como
requisito final para créditos no curso.

Orientador: Prof.^a Me. José de Vasconcelos

MACAPÁ-AP
2023

EUNICE BEATRIZ SILVA DA SILVA

**POÉTICAS VISUAIS DE LARANJAL DO JARI:
UMA VIAGEM ATRAVÉS DE UMA EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Me. José de Vasconcelos
Orientador

Prof. Dr. Fábio Wosniak – UNIFAP

Prof. Dr. Maurício Remigio – UNIFAP

Macapá – AP, _____ de _____ de 2023.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP
Elaborado por Mário das Graças Carvalho Lima Júnior – CRB-2 / 1451

- S586 Silva, Eunice Beatriz Silva da.
Poéticas Visuais de Laranjal do Jari Uma Viagem Através de Uma Exposição Fotográfica /
Eunice Beatriz Silva da Silva. - Macapá, 2023.
1 recurso eletrônico. 55 folhas.
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Amapá,
Coordenação do Curso de Artes Visuais, Macapá, 2023.
Orientador: José de Vasconcelos Silva.
- Modo de acesso: World Wide Web.
Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).
1. Identidade cultural. 2. Fotografia. 3. Exposição. I. Silva, José de Vasconcelos, orientador.
II. Universidade Federal do Amapá. III. Título.

CDD 23. ed. – 700



Para a todas as pessoas que, em algum momento da vida, se viram afundadas na angústia e desespero, mas lutaram bravamente para encontrar a força interna necessária para se reerguerem e triunfarem sobre qualquer adversidade. Dedico a vocês esse trabalho.

AGRADECIMENTO

Aos meus pais,

Elielna Vidal, minha mãe, por me amar incondicionalmente e sempre acreditar e apoiar minhas decisões.

Edivan Vidal, meu pai, por cuidar de mim além da distância, e não deixar nada me faltar.

Ao meu irmão, Eike Cauã, por iluminar meus momentos com coisas engraçadas.

A vocês, minha família, obrigada por estarem por mim, nos momentos de felicidade e tristeza, por me receber de braços abertos nos momentos que eu mais precisei de colo.

Ao Matheus Amorim, por ser meu maior e mais fiel companheiro, por estar do meu lado desde o início até o fim. Pelos abraços, pelos risos, pelos conselhos e ajuda, pelo incentivo diários, por apoiar meus sonhos, eu só tenho a agradecer.

A Thay, por sua alma livre, rebelde e risos fáceis.

A Marinna, pela delicadeza e gentileza.

Ao Wallace por ser a própria personificação da elegância e sagacidade.

A vocês, meu obrigada pelas conversas, conselhos e risadas e pela leveza, vocês foram os encontros mais perfeitos nessa caminhada.

Ao Eduardo Amaral, por ter sido a luz mais autêntica e incrível que conheci.

Ao Seu Rinaldo, pelos conselhos, pelo apoio, principalmente por me oferecer ajuda quando eu precisei.

A Dona Michela e Dona Zelina, por entenderem cada momento e mostrarem a leveza da vida em conversas cheia de aprendizados.

Ao Alan e Rita, pelas conversas, risadas, companheirismos.

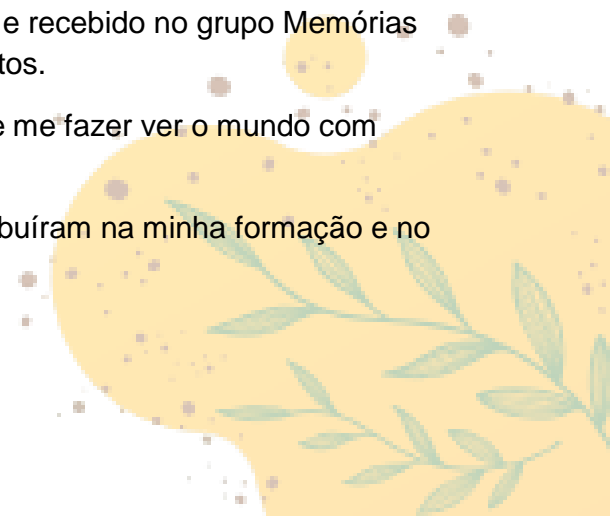
A família da EJE-TRE Amapá, obrigada pelos ensinamentos e confiança depositada em mim.

Ao meu orientador, Prof. Mestre “Vasco”, que orientou e guiou nessa pesquisa. Por ter me apresentado e recebido no grupo Memórias Urbanas, que foi fundamental para nutrir minha vontade pelos estudos de cultura visual, memórias e afetos.

Aos meus professores, pela dedicação e colaboração para minha formação acadêmica que foi capaz de me fazer ver o mundo com outros olhos.

A todos aqueles que conheci, convivi, que influenciaram direta e indiretamente nessa caminhada, contribuíram na minha formação e no meu crescimento pessoal.

Meu singelo agradecimento.



ESTIGMATA (Laranjal para todos)

No meandro de um rio
Estou bem localizada
Me banho com muita chuva
Me seco com a estiagem
Me hospedo em sua curva
Me abrigo em sua margem

Da várzea a terra firme
Sou forte e muito astuta
Quem me procurar como laranja
Vai ver que não sou uma fruta

Quem me chamou de fruta
Hoje prova o meu sabor
Tem muita admiração
Diz que sou o seu amor
E até mesmo no meu seio
É hoje um habitador
E concorda com a máxima
Que não existe pecado
Abaixo do Equador

Fui muito difamada
Por morar neste lugar
Falavam de mim aqui
E também do lado de lá
Fui a Jezabel
E a mulher de Putifar

A ignorante, a bruta
Caçada como uma truta
Mas pergunto pra vocês
Qual é o lugar desse mundo
Que não existe uma fruta?

Estigmatizaram minha imagem
Foram comigo desleal
Pensavam que era uma fruta
com um sabor imoral
Sou castanha do Brasil
Com o sabor natural
Só para dá um charme
Minha graça é Laranjal

Laranjal das castanhas
Laranjal das bananas
Laranjal do abil
Laranjal de fio a pavil
Do Chico Beira Rio
Das palafitas a fama
Laranjal cantado em verso e prosa
Por seu Trindade e seu Gama

Laranjal de horizonte agudo
In memoriam te saúdo
Em mim habitou
Uma lenda
O saudoso seu Barbudo
Mas ainda está por aqui

Uma figura que acontece
Com um título que merece
A músa das Malvinas
A Condessa o Maycon Jhek

Laranjal das mulheres
Laranjal dos homens
Do tacacá da Terezinha
Do sorriso da Socorrinha
Laranjal daquele rapaz
Que atende por sandrinha

Laranjal de Santo Antônio
Do Ramalho e do seu Cruz
Acima de tudo e de todos
Laranjal é de Jesus

Poesia do Prof. Samuel Pereira

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 PROBLEMA DE PESQUISA	11
3 JUSTIFICATIVA	12
4 OBJETO	15
4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	15
5 OBJETIVOS	24
5.1 GERAL.....	24
5.2 ESPECÍFICOS.....	24
6 REVISÃO TEÓRICA	25
7 METODOLOGIA	28
7.1 ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS.....	28
8 CRONOGRAMA	29
9 DESCRIÇÃO	30
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
BIBLIOGRAFIA	54

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho acadêmico, produto do curso de licenciatura em graduação em artes visuais da Universidade Federal do Amapá, consiste no estudo e na análise da memória autobiográfica como produtora de identidades no espaço urbano, tendo como base a fotografia. O trabalho foi estruturado a partir de revisão bibliográfica da interdisciplinaridade do espaço urbano com a fotografia. A relação e a integração desses elementos são apresentadas a partir do conceito da memória que cria os cenários, conta histórias e se relaciona com o espaço urbano da cidade, no caso Laranjal do Jari.

Com base no estudo de Felix (2004, p. 39) a memória é que se liga a lembrança das vivências, e só existe quando dos laços afetivos criam o pertencimento a um grupo, e a mantem no presente. Deste modo, ele considera que não é o físico ou o territorial que permite a existência do grupo, e sim, a dimensão do pertencimento social, que são “criados por laços afetivos que mantem a vida e o vivido no campo das lembranças comuns, geradora de uma memória social”.

Assim, identidade e cultura são temas interligados e que geram debates e reflexões constantes. De acordo com Stuart Hall, em sua obra "A Identidade Cultural na Pós- Modernidade" (2006), a identidade não é fixa e imutável, mas sim uma construção social em constante transformação. Ela é influenciada por diversos fatores como questões políticas, sociais, históricas, culturais e econômicas.

Compreender a relação entre identidade e cultura é essencial para entender a complexidade e a diversidade humana. Hall também destaca que a cultura não se resume a normas e valores, mas abrange um conjunto de significados e representações que impactam a forma de se enxergar e se relacionar com o mundo.

Cultura e identidade exercem forte influência no conceito de cidade e na forma como ela é vista e vivida pelos indivíduos pois um entendimento mais aprofundado sobre as diversas culturais ajuda a conhecer e compreender a história por trás de uma determinada cidade e sua relação com o indivíduo. Assim, a cidade vai muito além do seu aspecto físico, mas de seus significados,

simbolismos e representações são importantes para revelar sua dinâmica e as desigualdades sociais que a cercam. Portanto, a cidade pode ser vista como um espelho da sociedade em que se insere.

Para entender a visualidade de uma cidade e principalmente sua relação entre identidade e cultura, nesse trabalho será tratado sob o conceito da cultura visual, através das fotografias da cidade de Laranjal do Jari, cidade localizada no sul do Estado do Amapá. A cidade de Laranjal do Jari foi escolhida por razões pessoais, meus pais, que vieram de outro estado, onde se estabeleceram, foi a cidade que meu irmão nasceu, lugar que cresci e morei até meus 18 anos, por isso desenvolvi num vínculo afetivo.¹ Tendo em vista isso, o uso das teorias sobre cultura visual e identidade cultural juntamente com a pesquisa exploratória, propõe em instigar uma reflexão em como interpretar os elementos visuais da cidade de Laranjal do Jari, utilizando para isso fotografias.

É importante também lembrar que o Laranjal do Jari, no Amapá, abriga inúmeras manifestações culturais, de tradições e identidade em decorrência a sua origem. Por essa razão, busquei propor uma construção de uma biográfica visual através da exposição **“POÉTICAS VISUAIS DE LARANJAL DO JARI: UMA VIAGEM ATRAVÉS DE UMA EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA”** com intuito de instigar uma reflexão nos os conjuntos de práticas, valores e crenças que cercam a identidade cultural da cidade.

Contudo, é importante entender que além das fotografias, foram incorporadas ao estudo a minha relação desde a infância com o lugar, onde a produção dessa atividade artística-pedagógica firmou-se também numa construção da uma narrativa afetiva, partindo de memórias, relatos, histórias, agendas e outros objetos que fomentam a minha história pessoal em Laranjal do Jari. Pois como nos esclarece Martins (2009, p. 33), as narrativas se configuram também como são manifestações orais, escritas, sonora ou visuais que estão relacionadas como um meio de nos ajudar a contar algo sobre o nosso mundo, nossa existência, “sobre o outro ou sobre si mesmo”.

¹ Este memorial será escrito na primeira pessoa, pois trata-se de um trabalho com característica autobiográfica.

2 PROBLEMA DE PESQUISA

A cidade de Laranjal do Jari possui particularidades presentes em muitas cidades amazônicas, possui uma ligação forte entre rio, floresta e população, a sua origem se veio através da exploração de matéria-prima, ocasionou com a vinda de pessoas de outras partes do país que se encontraram sem lugar para morar, optando assim em viver a beira do rio em casas de madeira. E por fim, teve um crescimento irregular que resulta hoje em duas partes com características diferentes.

A partir desse contexto, o problema é: como interpretar a identidade cultural presente nas visualidades da cidade de Laranjal do Jari, através das fotografias?

O desafio dessa exposição, foi de conseguir mostrar em fotografias essas particularidades, através de um olhar afetivo e pessoal de alguém que cresceu e viveu por muitos anos na cidade.

A exposição tem como propósito apresentar a identidade cultural da cidade de Laranjal do Jari para aqueles que não a conhecem. Mais do que apenas apreciar as fotografias, espera-se que o espectador reflita sobre o que está sendo retratado.

3 JUSTIFICATIVA

As indagações em relações a Laranjal do Jari, surgiram após um trabalho realizado na disciplina de Estágio 1, ministrado pela professora Silvia Marques, onde a proposta era fotografar um espaço natural e enviar para alguém sem identificar o local da foto e publicar nas redes social. Era final de 2020, por conta da pandemia, havia retornado a Laranjal do Jari e dessa forma decidi mudar o foco do trabalho e apresentar a minha cidade para meus colegas em uma aula virtual e em seguida postada no meu Instagram pessoal.²



Olá,
Quero mostrar de onde vim, de onde sou, de onde cresci, de onde tive que partir, de onde sempre volto quando tudo está um caos, mas além disso, sou turista do meu próprio lugar. Já tive que explicar como era aqui e que não era só “aquilo” que era muito mais do que os ouvidos de quem é de fora escuta. Dos meus 24 anos, já vi esse rio inundar esse lugar, já vi o fogo destruir sonhos, já vi novos lugares sendo escritos e reescritos. Se tu souberes da história daqui vai ficar admirado do quanto esse lugar é importante e como é bom ver o progresso daqui.
Infelizmente a sensação de ver essa foto é impossível de descrever, pois só quem é de Laranjal do Jari sabe o que ela significa e entende cada detalhe dela. Para você, fique apenas com uma pequena parte do meu lugar.

² Nota: foto e texto postados na rede social *Instagram*.

Lembro que nos primeiros anos morando em Macapá, comentários preconceituosos em relação a minha cidade de origem, entre meu modo de falar, de agir, o que eu fazia antes de chegar em Macapá – devido à fama infundada sobre as mulheres de Laranjal do Jari –, se minha cidade tinha isso e aquilo, ou surpresa por estar fazendo curso superior. Infelizmente, essa situação não é exclusiva minha, visto que muitos moradores de Laranjal do Jari que se mudam para Macapá experimentam o mesmo tratamento preconceituoso.

Minha história em Laranjal do Jari, inicia com a vinda dos meus pais para a cidade, ambos naturais do Município de Belterra, no Oeste do Pará – Uma cidade que se assemelha a Monte Dourado, idealizada por Henry Ford, criada e baseada nas cidades americanas, com o intuito de servir uma indústria que produziria a matéria prima para a empresa de Ford, a Ford Motor Company. – Namoravam desde a adolescência quando, ambos recém-formados no curso de magistério e sem empregos disponíveis em Belterra, procuraram no Amapá uma oportunidade de se estabelecer. Minha mãe foi a primeira a chegar em Laranjal do Jari, em janeiro de 1993, com a intenção de participar do concurso estadual de educação do Amapá ali realizado. Mas uma vez na cidade, a realidade de Laranjal do Jari era completamente diferente da cidade de onde veio, por isso não tinha intenção de ficar e morar, mas acabou passando e empossou do cargo de professora da 1ª a 4ª na Escola Estadual Sônia Henrique Barreto, onde, depois de formada em Licenciatura em Letras, deu aula para Ensino Fundamental II e Ensino Médio, hoje trabalha auxiliando a secretária da escola.

Com um pouco mais de um mês de diferença, meu pai chega em Laranjal do Jari no dia 17 de fevereiro de 1993, infelizmente, dias depois do concurso de ter ocorrido. Mas conseguindo um contrato de professor nas escolas de Laranjal do Jari, até que em 1997, passou no concurso da Educação do Estado. Ministrando aulas para 1ª a 4ª série, Ensino Especial, EJA (Educação de Jovens Adultos), e aulas de matemática, licenciatura que obteve em 2009.

Nasci em 1997, Monte Dourado, na época não existia hospital em Laranjal do Jari. Morávamos na “Beira”, na Passarela Aguiar, em uma casa de madeira, palafita. Lugar onde aprendi a falar, andar onde brinquei, apesar de hoje ter poucas lembranças. Morei até meus três anos de idade, quando em 2000, Laranjal do Jari, sofreu uma enchente que fez o Rio Jari subir a 4 metros de altura,

deixando não só a mim e minha família desabrigados, mas um total 12.983 desalojados. Dormimos com a água um palmo abaixo da minha casa, acordamos com a água já dentro de casa. De acordo com a minha mãe, eu e ela saímos dentro de uma caixa d'água para poder chegar na rua principal e pegar um caminhão de mudanças de um amigo da família, e onde meu pai ficou, para arrumar os nossos pertences.

Ficamos abrigados na casa de amigos, depois moramos de aluguel por pouco tempo em uma outra casa, até que compramos e nos mudamos no dia 17 de junho de 2000 para a casa que meus pais moram até hoje.

Cresci com Laranjal do Jari e pude acompanhar algumas mudanças significativas na cidade, vi o hospital que meu irmão nasceu ser construído. Vi um terreno baldio se tornar a Praça Central. Participei de carnavais, festas e comemorações da cidade. Vi as ruas sendo asfaltadas, novos lugares sendo criados e outros destruídos. Fui às feiras e supermercados aos sábados, e a banhos de igarapés de água cristalina nos finais de semanas.

Acompanhei outras enchentes que pararam a cidade, onde tive que parar de estudar, pois os desabrigados ficavam na escola onde estudava. Também vi o incêndio de 2006 destruir um local que tenho lembranças bem marcantes e que mudou consideravelmente a frente da cidade, se tornando um lugar apagado.

A apresentação da minha fotografia da cidade, ajudou ainda mais a compreender que existiam poucas informações culturais sobre o Laranjal do Jari. Assim despertou o interesse em apresentar a cidade de Laranjal do Jari através de imagens, ou seja, fotografias da cidade. Mostrar aspectos físicos, suas particularidades, e sua dinâmica. Além, de tentar eliminar alguns estereótipos que Laranjal do Jari carrega desde suas origens.

As minhas lembranças possibilitaram a construção de uma história rica em tradições, singularidades e identidades através do meu olhar afetivo sobre Laranjal do Jari. E ainda, ao pesquisar e explorar a cidade, proporcionar fazer uma autorreflexão sobre a identidade cultural do lugar que cresci, onde me encaixo nesses contextos.

4 OBJETO

A cidade de Laranjal do Jari, por possuir uma identidade cultural muito diversificada, fruto do elevado número de pessoas que migraram para o local antes de se tornar um município do Amapá. Por isso, se tornou o objeto de interesse dessa pesquisa, a fim de mostrar sua pluralidade cultural. Para tal, torna-se essencial contextualizar sua história.

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

O município de Laranjal do Jari que se consolidou como o terceiro maior município do Estado do Amapá, com o número de habitantes de aproximadamente de 52.302 pessoas (dados do IBGE/2021). Possui uma área de 30.782,998 km² de território, onde a sede do município se localiza ao sul do estado e a 265km da capital Macapá.

Assim, a região do Jari ou Vale do Jari – assim conhecida por situar-se às margens do Rio Jari – foi habitada pelos indígenas Waiano e Apalai. Devido aos seus recursos naturais, principalmente pela seringa e pela castanha do Pará, chamou atenção de muitos migrantes, que se deslocavam para a região, para praticar a atividade extrativista. Foi assim, que José Júlio de Andrade, chegou ao Jari, em 1882, com apenas 13 anos de idade.

Nascido em Sobral, no Ceará, José Júlio de Andrade, ou “Coronel”, como ficou conhecido, elevou para nível industrial o extrativismo na Região do Jari. Através de favores com políticos e sua grande influência na região, se tornou proprietário de quase três milhões de hectares, com terras entre o Estado do Amapá e do Pará, próximo à foz do Rio Jari.

Com sua empresa localizada na Vila do Arumanduba, lugar onde os produtos eram armazenados até serem embarcados para outros lugares, no Brasil e até mesmo no exterior. Comandou a Região do Jari com mãos de ferro por cinco séculos, quando em 1948, se viu obrigado a vender sua propriedade após denúncias de condições precárias de trabalhos e crimes, no qual ele ordenava.

A propriedade foi comprada pela Empresa Jari Limitada, onde a maior parte de seus sócios eram portugueses. Mantiveram-se com a atividade econômica praticada por José Júlio, investindo também na navegação e pecuária. Por isso, havia três empresas responsáveis por cada atividade da fase portuguesa: Jari Indústria e Comércio e a Companhia Industrial do Amapá para a comercialização dos produtos, e a Companhia de Navegação Jari S.A.

Em 1967, a propriedade é vendida para o multimilionário americano Daniel Keith Ludwig, com grande apoio do governo militar. O americano “exigia uma localização em país tropical, um governo estável, grande extensão de terra, clima úmido e porto para atracação de navios de grande calado” (PINTO, 1986, p. 10), para instauração do seu projeto.

O projeto pensando por Daniel Ludwig, ficou conhecida por “Projeto Jari”, possuía o intuito de “desenvolver um projeto econômico gigantesco nas terras do Jari a partir da construção de um complexo agroindustrial em torno da produção de celulose em grande escala.” (GREISSING, 2010, p. 48)

Para dar início ao seu projeto, ordenou um desmatamento de aproximadamente 140.000 hectares da floresta, tanto do lado esquerdo e direito do Rio Jari. E, também, foi necessário criar uma infraestrutura para acompanhar o desenvolvimento da empresa, por isso, surgiu a vila sede, chamada de Vila de Monte Dourado – Localizada no lado direito do Rio Jari, no estado do Pará – caracterizada por ser uma cidade industrial, foi inspirada nas cidades nortes americanas, com escolas, casas, hospital, estradas, aeroporto, ferrovia. Local feito para abrigar funcionários do Projeto Jari, principalmente, engenheiros, médicos, funcionários do alto escalão da empresa.

O investimento de Ludwig, trouxe também uma fábrica flutuante comprada do Japão, que chegou em 1978, o que resultou em quase uma década de preparação para se dar início à produção. O Projeto Jari, também atraiu muitos migrantes em busca de empregos e boas condições de vida, principalmente vindo do nordeste do Brasil. O número de pessoas crescia, de forma que não havia moradia suficiente para abrigar os novos empregados. Obrigando a Jari a criar vilas sem a infraestrutura proposta e exigida pelo projeto.

Foi assim que surgiu o Beiradão, conhecido na época como Zona Franca, localizado na parte esquerda do Rio Jari, precisamente, em frente a Monte Dourado. O Beiradão foi formado por pessoas dependentes de funcionários da empresa e pessoas em busca de emprego. Eram casas de madeiras ou palhas, habitações construídas acima do Rio Jari, em palafitas. O crescimento dessa comunidade, fora do controle, com criações de comércio ilegal e casas de prostituição, que foram utilizadas pelos próprios funcionários da empresa, que se deslocavam de Monte Dourado para em busca de divertimento. Por esse motivo, a empresa ajudava as prostitutas com assistência médicas, com medo de doenças que poderiam causar em seus funcionários.

Porém, em 1971, no extinto Jornal “Correio da Manhã” noticiou problemas com prostituição que ocorria próxima a Jari, que começou a preocupar a administração da empresa, principalmente com sua imagem sendo vinculada a esses problemas. Para se desvincular, a empresa soltou um parecer jurídico, onde Sergio Franco, o então administrador de Monte Dourado:

Lembrava que “desde há algum tempo pessoas estranhas e cuja identidade nos é desconhecida, estabeleceram em nossas propriedades, não muito distantes da área industrial, em MTD (Monte Dourada, algumas casas onde vem procedendo à exploração do meretrício”. Admite que “até este momento este fato não tinha preocupado a direção da Jari”. Mas a publicidade causada pela reportagem exigia providências. (PINTO, 1986, p. 89)

Mas apesar das várias tentativas da Jari de acabar com o Beiradão, deixaram de atender as prostitutas e criou uma guarita para evitar a entrada das pessoas não autorizadas em Monte Dourado. A Jari também teve que lidar com a resistência do Governo do Estado do Amapá, pois não prestou a devida assistência. Afinal, não ganhava nenhum benefício, já que a empresa ficava localizada no estado do Pará.

Em 1973, o Governo do Amapá, pediu em um ofício para a Jari, para construir escola, posto de saúde e comissário policial no Beiradão, mostrando ser favorável ao aumento e criação da comunidade. Simultaneamente, ocorria também o surgimento do Beiradinho, localizado na frente do distrito industrial de Munguba, também da Jari.

Com a resistência do Governo do Amapá, o aumento da população em ambas as localidades, que em pouco tempo ultrapassou a população de Monte Dourado. Foram consideradas “Fases de uma realidade que a Jari não conseguiu mascarar.” (PINTO, 1986, p. 92)

Dessa forma, Beiradinho foi estabelecido e atualmente é conhecido como Vitória do Jari, enquanto Beiradão é agora Laranjal do Jari, ambas cidades localizadas no Estado do Amapá, no Vale do Jari, junto com Monte Dourado e Munguba. Essas cidades estão próximas do município de Almeirim, na fronteira do Amapá e Pará.

Em 17 de dezembro de 1987, Laranjal do Jari mudou seu status de Beiradão para município do Estado do Amapá, desvinculando-se do Município de Mazagão. Com uma área territorial de 30.782,998 km², Laranjal do Jari está situado ao sul do estado e a uma distância de 265km de Macapá, onde sua sede encontra-se estabelecida.

Souza (2020), contextualiza Laranjal do Jari como um município jovem, com 31 anos de existência, mas com contradições marcantes desde o seu nascimento, pois surgiu como consequência do Projeto Jari, mas como um filho pobre, com profundas desigualdades e contradições. (SOUZA, 2020, p. 91)

Por sua criação espontâneo e sua infraestrutura precária, principalmente pelas moradias palafíticas, Laranjal do Jari chegou a ser “conhecido como “a maior favela fluvial do mundo”, além dos altos índices de prostituição também foi considerada uma das mais pobres e violentas populações brasileiras.” (NASCIMENTO; NORONHA, 2018. p. 165).

Além dos problemas sociais, políticos e econômicos, a cidade lida com os problemas de enchentes, que normalmente ocorrem durante o inverno amazônico – entre dezembro e maio – em decorrência a maior quantidade de chuvas nesse período, ocasionando inundações anualmente, porém algumas mais intensas que outras e leva a população se deslocar em busca de abrigos na parte alta da cidade, normalmente em quadras poliesportivas ou escolas. As enchentes influenciam de maneira negativa do município, comprometendo a dinâmica de várias áreas.

Laranjal do Jari lida também com incêndios, que também ligada a infraestrutura precária, moradias construídas próximas uma da outra, normalmente de madeiras, fazem com que o incêndio consiga consumir e destruir inúmeras casas.

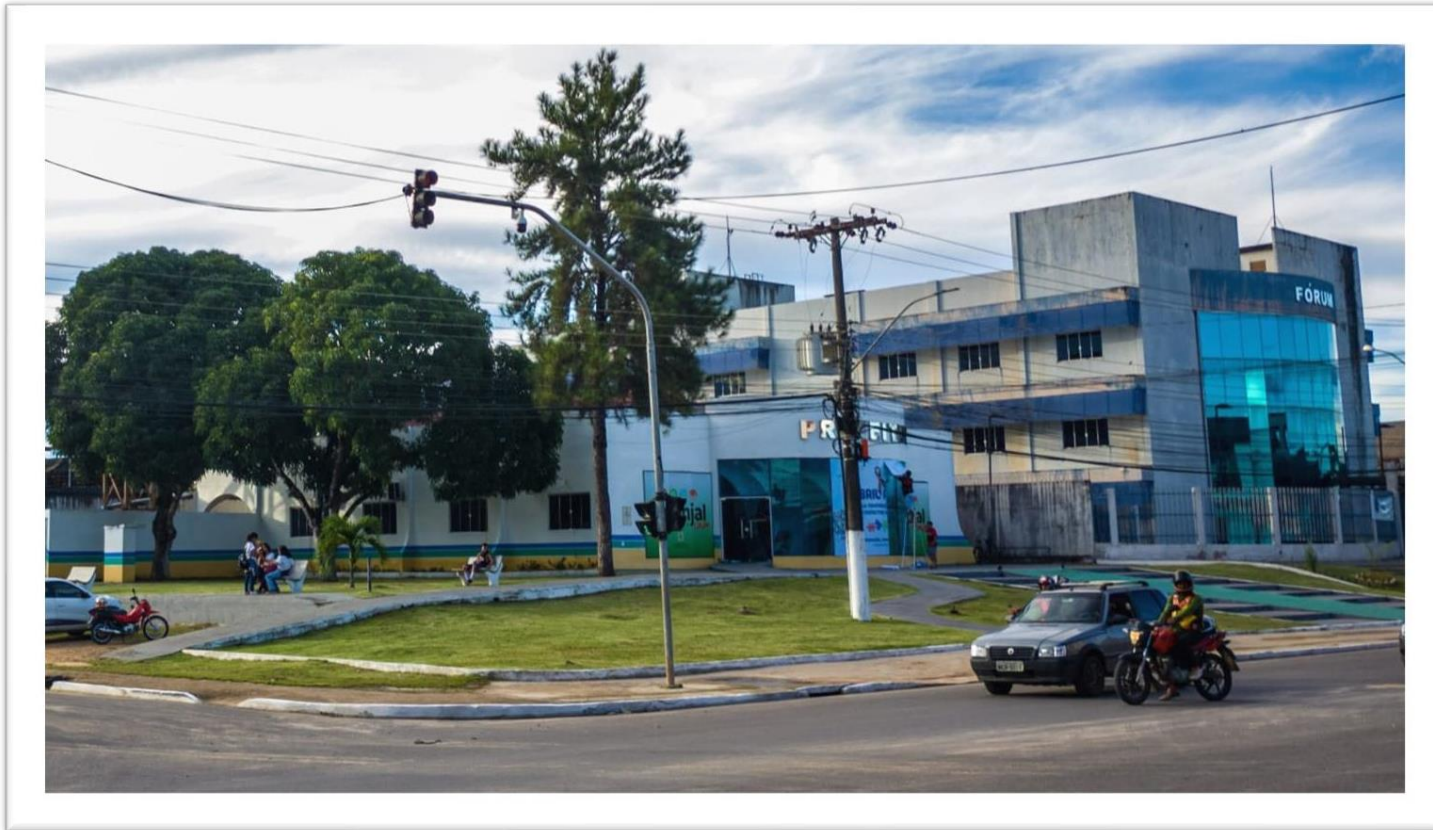
Apesar dos problemas, Laranjal do Jari conseguiu se consolidar como o terceiro maior município do Estado do Amapá, com o número de habitante de aproximadamente de 52.302 pessoas (dados do IBGE/2021). Hoje o município cresceu, e além da parte alagada, popularmente conhecido como “parte baixa” ou “beira”, que se conectam por pontes e passarelas, algumas partes foram aterradas e surgiram ruas e avenidas que nos levam a “parte alta” da cidade.

Laranjal do Jari conta com 14 bairros: Centro (Beira), Samaúna, Malvinas, Santarém, Sagrado Coração de Jesus, Agreste, Prosperidade, Nova Esperança, Mirilândia, Castanheira, Buritizal, Cajari, Sarney, Nazaré Mineiro.

A interação com Monte Dourado se tornou mais amistosa e mútua, afinal, há moradores de Laranjal do Jari que estudam ou trabalham em Monte Dourado, como há os inversos. O deslocamento entre as duas cidades é através de catraias, que se trata de uma navegação de pequeno porte, que utiliza motor de popa para se locomover. Há também, a utilização de balsas, quando é necessário a travessias de automóveis e motocicletas.







Notas das imagens

P. 19. Fotografia do Centro de Laranjal do Jari. Eunice Beatriz. 2023 – Acervo Pessoal

P. 20. Fotografia da Praça Central João da Silva Neri de Laranjal do Jari. Eunice Beatriz. 2023 – Acervo Pessoal

P. 21. Fotografia do Bairro Agreste de Laranjal do Jari, na foto está presente da Prefeitura Municipal e o Fórum da cidade. Eunice Beatriz. 2023 – Acervo Pessoal

5 OBJETIVOS

5.1 GERAL

Realizar uma exposição fotográfica que retrate a identidade cultural da cidade de Laranjal do Jari, com intuito de promover o conhecimento e reconhecimento da diversidade cultural existente na região, e que possa ser apreciada por diferentes públicos, tais como a comunidade local, pesquisadores, pessoas de fora ou turistas.

5.2 ESPECÍFICOS

- Registrar através de fotografias aspectos culturais e físicos da cidade de Laranjal do Jari.
- Identificar através de imagens fotográficas coletadas, os elementos que compõem a identidade cultura da cidade.
- Elaborar de uma exposição fotográfica a fim de apresentar a cidade para diferente públicos, incluindo a comunidade local, pesquisadores e turistas

6 REVISÃO TEÓRICA

Ostrower (2009, p. 57) nos diz que as imagens (e a percepção do ver) se caracterizam por serem referenciais construídas ao longo de nossas experiências, construídas de forma intuitiva, constituídas no tanto no plano cultural e quanto no subjetivo.

Um ato tão corriqueiro como atravessar a rua – é impregnado de formas. Observar as pessoas e as coisas, notar a claridade do dia, o calor, reflexos cores, sons, cheiros e lembrar-se de que se tencionava fazer, de compromissos a cumprir, gostando ou detestando o preciso instante e ainda associando – o a outros – tudo isto são formas em que as coisas se configuram para nós. De inúmeros estímulos que recebemos a cada instante, relacionamos alguns e os percebemos em relacionamentos que se tornam ordenações, “composições”. (OSTROWER, 1990, p. 9)

Dessa forma, é necessário compreender que a apreensão do olhar do mundo acontece através também de novos pontos de vistas, pois para a autora, a novas perspectivas são condições fundamentais para se ver mais além do horizonte conhecido.

No entanto, é fundamental lembrar que a imagem além de nos fascinar e influenciar, sabe-se que a visão e a percepção visual são uma atividade complexa que não pode se separar das grandes funções psíquicas, a inteligência, a cognição, a memória e o desejo (AUMONT, 1995, p. 14). Deste modo, para o autor a produção de imagens nunca é gratuita, e que elas foram fabricadas para determinados usos, individuais ou coletivos que molda o pensar, as necessidades e os desejos dos seus leitores.

Assim, para nos distanciar desses tempos atuais transfigurados pelas imagens em todos os seus domínios, é imprescindível conforme defende Maffesoli (1995, p.89) que o simbólico, o imaginário, a imaginação voltam à cena, no papel de protagonistas de um novo estilo de vida, pois:

(...) o mundo imaginal, que está sendo elaborado contemporaneamente, fundamenta-se em um substrato arquetípico. Repete, de maneira cíclica, o que se acreditava estar ultrapassado. É isso que permite falar de

maravilhamento, de reencantamento. O imaginário, o simbólico, o onírico, o festivo, são alguns parâmetros que exprimem melhor um tal processo. (MAFFESOLI, 1995, P.89)

Para Maffesoli (1995, p. 102) um dos papéis da imagem na contemporaneidade é a mediação, que permitirá “aceder a uma espécie de conhecimento direto, conhecimento vindo da partilha, da colocação em comum das ideias, evidentemente, mas também das experiências, dos modos de vida e das maneiras de ser.”

Com base em todas essas discussões, busquei para conduzir esse olhar poético na fotografia que representará essas minhas impressões de Laranjal do Jari, foi a educação da cultura visual. Entende-se que a cultura visual, nada mais é que constituição de várias práticas onde ocorre uma interpretação e a representação dessas figuras é considerada símbolos de uma mestiçagem de cultura. Assim, sobre a relação entre, arte, imagem e cultura, Martins (2007) diz que:

miscigenação artístico-imagética é, talvez, uma maneira mais contundente de descrever e caracterizar a cultura visual como campo emergente, transdisciplinar e trans metodológico que discute e trata arte e imagem “não apenas pelo seu valor estético, mas, principalmente, buscando compreender o papel da imagem na vida da cultura” (MARTINS, 2007, p. 26). (...) Além disso, a cultura visual reconhece a importância não apenas da compreensão, mas também, da interpretação crítica. (MARTINS, 2007, p. 70-71)

Portanto, através das fotografias, será possível representar e causar reflexões sobre a visualidade de Laranjal do Jari, pois “a imagem possui um registro abrangente, baseado em um dos sentidos que caracterizam a condição humana” (KNAUSS, 2006, p. 99). Uma abordagem que se aproxima de uma interpretação sociocultural, onde gravar detalhes possam instigar os expectadores a refletirem sobre a realidade cultural de uma forma mais ampla. (HARPER, 2000 apud RIOS; COSTA; MENDES, 2016, p. 102).

Partindo da ideia de Possamai (2011, p. 2977) que defende em seus estudos ressalta que a cidade é um verdadeiro “caleidoscópio de imagens, cores e sons” que precisa ser vivenciado por educadores e educandos com intuito de melhor conhecê-

la. Não podemos enquanto futuros professores de artes negligenciar estudar a visibilidade do cotidiano espalhado pelas nossas ruas e nem deixar de promover pesquisas sobre as linguagens que caracterizam a expressão artísticas, culturais e sociais do olhar sobre a cidade. Precisamos assim, entender que essa experiência poética-educativa desenvolvida neste Trabalho de Conclusão de Curso, pode ser de importante para ajudar a pensar numa prática de alfabetização estética-visual utilizando a cidade como fio condutor.

Um foco que permite que o ensino de artes visuais se aproxime de uma formação crítica e das subjetividades dos indivíduos, que muitas vezes estão “fora dos muros da escola”. Onde conforme os ensinamentos de Merleau- Ponty (2006, p. 7) precisamos nos aproximar da experiência do olhar com atenção aos nossos sentidos, nossa emoção ou nosso corpo. Um olhar voltado para expressividade, à sensibilidade e as afetividades onde a verdade não ‘habita’ apenas o ‘homem interior’ ou, antes, não existe homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece.”

Nesse sentido, entendendo que as visualidades e as imagens estão intrinsecamente conectadas ao mundo e à vida das pessoas, a exposição refletiu sobre a interconexão destes temas e conceitos, destacando uma narrativa visual presente em cada fotografia feita, com sua individualidade e história, mas consideram a visualidade e as afetividades de Laranjal do Jari.

7 METODOLOGIA

Interpretar a cidade de Laranjal do Jari com o conceito de cultura visual, utilizando da fotografia, para compreender a identidade cultural do município através de sua visualidade. A elaboração metodológica dessa pesquisa iniciou através de uma investigação bibliográfica de produções feitas sobre Laranjal do Jari.

Com as informações bibliográficas e documental coletadas, através de uma pesquisa experimental, onde foi possível formular o tema e a delimitação do problema, definir o objeto e os objetivos da pesquisa, construir a revisão teórica. Com isso, a pesquisa visa buscar uma compreensão e reflexões mais profunda das representações visuais que permeiam a cidade de Laranjal do Jari utilizando da exposição fotográfica, que será a forma de apresentar a visualidade da identidade cultural da cidade.

Com base dados obtidos, foi possível realizar uma cartografia afetiva, para identificar quais locais, suas representações e significados para os moradores de Laranjal do Jari, que foi fundamental para planejar os registros das fotografias. Com isso, foi necessário deslocar-se para a cidade e realizar a pesquisa de campo para dar início a produção das imagens alinhadas às visualidades detalhadas do lugar.

Após realizar a pesquisa de campo e por fim os registros fotográficos, foi necessário fazer uma análise de quais imagens que seriam expostas no dia. Com imagens selecionadas, ocorreu edição para que fossem impressas para que em seguida pensar na composição necessária para a exposição: layout, textos e legendas.

7.1 ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS

A exposição possui vinte fotografias impressas em papel fotográfico na gramatura de 180g no tamanho A3. Processo de registro e edição das fotos foi através do aplicativo do *Adobe Lightroom Mobile*, no formato DNG utilizado em um telefone celular

que possui tripla câmera com sensor de 50 MP. A organização será seguida das orientações do livro eletrônico: *Curadoria em fotografia: da pesquisa à exposição de Eder Chiodetto*, juntamente com a supervisão do orientador para a realização da exposição.

8 CRONOGRAMA

DESCRIÇÃO DE ETAPAS	2022					2023				
	MESES					MESES				
	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
Revisão Bibliográfica										
Coleta de dados										
Análise do Dados										
Edição das Fotografias										
Impressão das Imagens										
Organização da Exposição										
Exposição										
Banca										

9 DESCRIÇÃO

Para montagem da exposição, as fotografias foram divididas em seis segmentos, levando em consideração a minha relação com os lugares registrados. Sendo assim, detalhei e identifiquei cada divisão para as pessoas que estavam presenciando a exposição.

A primeira parte, mostrei a frente de Laranjal do Jari, em duas perspectivas diferentes, na figura 1, é a visão de Laranjal do Jari para o Rio Jari e os morros que o cercam e na imagem 2, mostra como Laranjal do Jari é visto por Monte Dourado, há uma catraia e uma rampa, para as pessoas se locomoverem entre os dois lugares.

Na segunda parte são alguns lugares por onde sempre passei, as imagens 3 e 4, são feiras, onde meus pais compram peixes, verduras, temperos aos sábados. A imagem 5, mostra a igreja em que fiz minha primeira eucaristia, também é possível ver a marca de água nas paredes, consequências das inúmeras enchentes do Rio Jari. Já a imagem 6, é onde a cidade se divide entre parte baixa e parte alta.

A terceira parte da exposição denominei de “sob o rio”, foram fotos tiradas em momentos em que eu estava aguardando uma catraia para atravessar o rio em fim de tarde, na imagem 7. E na imagem 8 eu estava na catraia, podendo ver outras catraias, e na imagem 9, estava na balsa, indo viajar, e puder contemplar o amanhecer.

No quarto segmento, foram fotografias feitas em 2022, após uma enchente que chegou quase 4 metros de profundidade, a cidade ainda estava retornando na sua vivência cotidiana, na imagem 10, é uma casa que os moradores haviam retornado a pouco tempo, na imagem 11, há uma casa, e um campo de futebol ainda inundado pelo rio Jari. E imagem 12, uma casa, ainda no fundo, abandonada.

Na quinta parte decidi mostrar o lazer presente em Laranjal do Jari, nas primeiras três imagens é retrata a praça da cidade, nas imagens 13, mostra a escultura do “Castanheiro”, em homenagem aos castanheiros, que se mantem nessa prática de trabalho

até os dias de hoje. Na imagem 14, um totem com elementos da região, na imagem 15, a praça a noite, com mais movimentos e quiosques. Nas imagens 16, 17 e 18, são os balneários de Laranjal do Jari, na imagem 16, visualizo o mapa do Amapá na árvore a beira do rio Jari, nas outras duas imagens é o igarapé, com águas cristalinas e geladas.

Para finalizar a exposição, as últimas imagens mostram mais duas perspectivas da cidade, a imagem 19, é a vista de quando chegamos pela estrada na cidade, também é possível ver as colinas que cerca Laranjal do Jari, ou comumente conhecido, o vale do Jari, há estrada de terra, mas é possível ver ruas asfaltadas. Já a imagem 20, escolhi para finalizar a imagem que me levou a estudar e pesquisar sobre Laranjal do Jari, a vista mais ampla da frente da cidade por Monte Dourado, as palafitas, as catraias, a balsa e o rio.







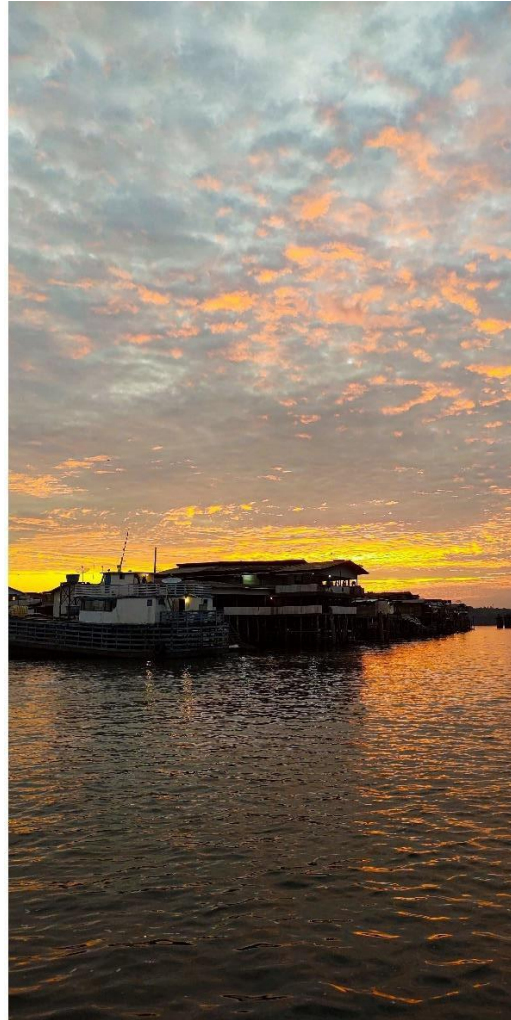


















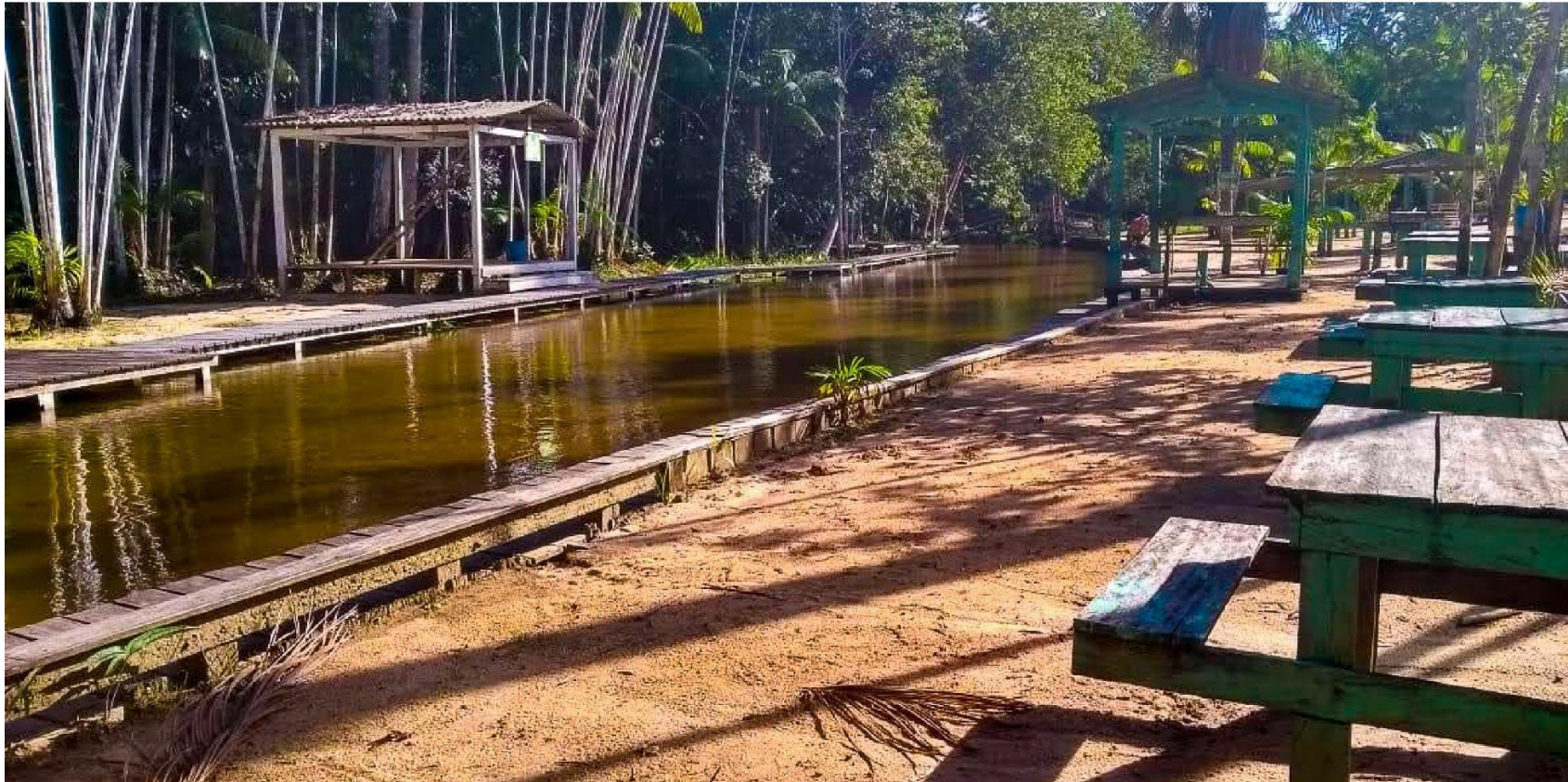
















Notas das imagens

- P. 30. “por um rio”. Eunice Beatriz. 2023 – Acervo Pessoal
- P. 31. “volta”. Eunice Beatriz. 2023 – Acervo Pessoal
- P. 32. “onde vende peixe”. Eunice Beatriz. 2023 – Acervo Pessoal
- P. 33. “sábado tem feira”. Eunice Beatriz. 2023 – Acervo Pessoal
- P. 34. “prosaico”. Eunice Beatriz. 2023 – Acervo Pessoal
- P. 35. “à divisa”. Eunice Beatriz. 2023 – Acervo Pessoal
- P. 36. “o fim do dia”. Eunice Beatriz. 2023 – Acervo Pessoal
- P. 37. “rua do catraieiro”. Eunice Beatriz. 2023 – Acervo Pessoal
- P. 38. “o amanhã”. Eunice Beatriz. 2023 – Acervo Pessoal
- P. 39. “era uma casa”. Eunice Beatriz. 2022 – Acervo Pessoal
- P. 40. “campo/rio”. Eunice Beatriz. 2022 – Acervo Pessoal
- P. 41. “um até logo”. Eunice Beatriz. 2022 – Acervo Pessoal
- P. 42. “castanheiro”. Eunice Beatriz. 2023 – Acervo Pessoal
- P. 43. “totem”. Eunice Beatriz. 2023 – Acervo Pessoal
- P. 44. “noturno”. Eunice Beatriz. 2023 – Acervo Pessoal
- P. 45. “à beira do Amapá”. Eunice Beatriz. 2023 – Acervo Pessoal]
- P. 46. “correnteza”. Eunice Beatriz. 2023 – Acervo Pessoal
- P. 47. “mata que faz sombra”. Eunice Beatriz. 2023 – Acervo Pessoal
- P. 48. “horizonte”. Eunice Beatriz. 2023 – Acervo Pessoal
- P. 49. “o início”. Eunice Beatriz. 2021 – Acervo Pessoal

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a realização desse projeto, foi preciso haver um processo de desconstrução, para que pudesse ver e entender Laranjal do Jari, ver que além do cotidiano da cidade, há uma história, uma identidade, uma cultura, ou várias. Não foi um processo simples, nem tranquilo, pois quando estamos inseridos no meio é difícil ver além daquilo que já se tornou costume.

Considerando que cresci em Laranjal do Jari, acompanhei o progresso da cidade ao longo do tempo, então, durante as escolhas do que iria fotografar, questionei de como estaria certos lugares por onde passei, refletindo sobre a nostalgia que sentia ao ver as mudanças pela qual a cidade havia passado.

Infelizmente, em decorrência a distância e período que pude ficar em Laranjal do Jari foi breve, ocasionando no processo da pesquisa de campo curto, não pude ir em todos os lugares que havia previsto em visitar para os registros das fotos, o que resultou em aproveitamento reduzido da cartografia afetiva que havia idealizado. A falta de material necessário se tornou um obstáculo para a obtenção de registros mais completos e apurados da cidade, a utilização do telefone celular, embora ofereça diversas funções, não foi possível fazer um registro adequado, de qualidade e com precisão da cidade.

Apesar das dificuldades, consegui juntar temas por quais sempre tive interesse durante o curso. Portanto, a pesquisa sobre a cidade de Laranjal do Jari, se tornou valiosa não apenas para o encerramento do ciclo do curso de graduação, mas por ter adquirido ao longo do processo dela, novos *insights* e percepções sobre o tema, o que pretendo explorar e realizar futuramente.

Através do olhar poético, aliado ao aprendizado adquirido no curso de Artes Visuais, contribuiram para que essas fotos transmitam não apenas uma simples representação da paisagem, mas também as emoções e vínculos que tenho com esse lugar. Cada fotografia é a expressão da minha relação com a cidade e a maneira como a percebo. É um registro afetivo da minha história e uma forma de manter vivo os sentimentos que nutro por Laranjal do Jari.

BIBLIOGRAFIA

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. São Paulo: Papirus, 1995.

CHIODETTO, Eder. **Curadoria em fotografia: da pesquisa à exposição [livro eletrônico]**. São Paulo: Prata Design, 2013. 10.8 Mb; PDF.

FELIX, Loiva Otero. **História e memória & a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: UPF, 2004. p. 39.

GREISSING, Ana. **A Região do Jari, do extrativismo ao agronegócio: as contradições do desenvolvimento econômico na Amazônia Florestal no exemplo do Projeto Jari**. REU, v. 36, p. 43-75. Sorocaba, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11 ed., 1. Reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KNAUSS, Paulo. **O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual**. ArtCultura, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan.- junho, 2006.

MAFFESOLI, Michel. **A Conquista do Presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MARTINS, R.. **Porque e como falamos da cultura visual?** Visualidades (UFG), v. 4, p. 65-79, 2007.

MARTINS, Raimundo. **Narrativas visuais: imagens, visualidades e experiência educativa**. VIS – Revista do programa de pós-graduação em arte. Brasília: Editora Brasil, v. 8. N. 1. Janeiro/junho, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

NASCIMENTO, Marília Pantoja do; NORONHA, Andrius Estevam. **A “maior favela fluvial do mundo” nos materiais didáticos de História do Amapá: o ensino da história local do município laranjal do jari (Amazônia brasileira)**. **Fronteiras & Debates**, [S.L.]

Macapá, v. 5, n. 1, p. 149-171, 13 dez. 2018. Universidade Federal do Amapá. <http://dx.doi.org/10.18468/fronteiras.2018v5n1.p149-171>.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 2009.

PINTO, Lúcio Flávio. **Jari: Toda a verdade sobre o projeto de Ludwig**: as relações entre estado e multivisional na amazônia. São Paulo: Marco Zero, 1986.

POSSAMAI, Z. R..**Fotografia e cidade**. ArtCultura (UFU), v. 15, p. 67-77, 2008.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Leituras da cidade: educação para o patrimônio urbano**. III Encontro Nacional de Estudos da Imagem. 3-6 maio 2011 - Londrina – PR. p. 2977-2981.

RIOS, Sadraque Oliveira; COSTA, Jean Mario Araujo; MENDES, Vera Lucia Peixoto Santos. **A fotografia como técnica e objeto de estudo na pesquisa qualitativa**. Discursos Fotográficos, [S.L.], v. 12, n. 20, p. 98, 10 abr. 2016. Universidade Estadual de Londrina. <http://dx.doi.org/10.5433/1984-7939.2016v12n20p98>.

SARDELICH, Maria Emilia. **Leitura de imagens e cultura visual: desenredando conceitos para a prática educativa**. **Educar em Revista (Online)**: nº 27, Curitiba, p. 203-219, 10 jul. 2007. Epub 10 Jul 2007. ISSN 1984-0411. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40602006000100013>. Acesso em: 22 set. 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2016. p. 122-125

SOUZA, Judinete do Socorro Alves de. **BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR NA AMAZÔNIA AMAPAENSE: (im)possibilidades e desafios na concepção de professores de Laranjal do Jari**. 2020. 160 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2020.